BÚSSOLA

Para quem sabe onde quer chegar

Ano 01 - Edição n.º 10

setembro/2026

O QUE CABE PARTILHAR

O Evangelho não exige plateia. Exige presença.

Entrevista

NASCÉLIO

A dor que virou acolhimento

Coordenadas Doutrinárias

O Encontro no Caminho

Eventos - Avisos - Norte para o mês

ITINERÁRIO

O Destaque da Capa ..... **Pág 11**

COORDENADAS | A base doutrinária da nossa prática.

> O encontro no caminho

O Evangelho que se prova nas relações

JORNADA DO TRABALHADOR ..... **Pág 03**

Quadrinhos do Peregrino ..... Pág 04

A frase que caminha ..... Pág 09

Norte para o mês ..... Pág 10

O mapa Você está aqui... ..... Pág 13

PERSONALIDADES ..... **Pág 14**

Bezerra de Menezes - O Médico dos Pobres

ALMA DA CASA . ..... **Pág 16**

Entrevista com Nascélio - A dor que virou acolhimento

SECRETARIA INFORMA

Eventos / Cursos ..... Pág 22

Aniversariantes do Mês ..... **Pág 24**

JORNADA
DO TRABALHADOR



ESPIRITISMO VIVIDO

Uma caminhada construída passo a passo

CEDAN

JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido

Fase 01: O Despertar
12.2025 - O chamado





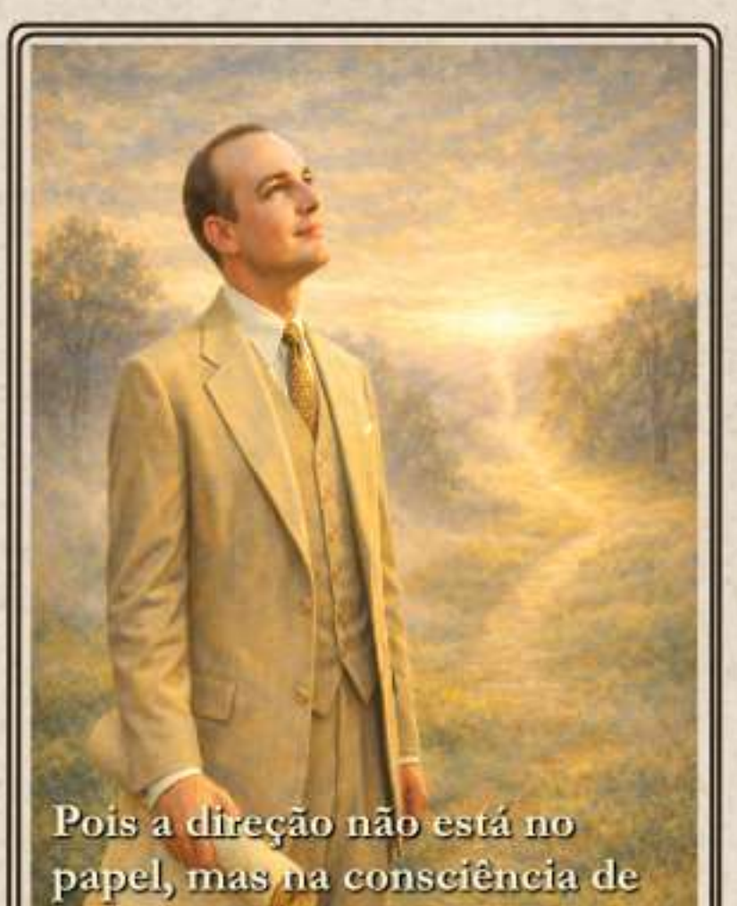


Fase 01: O Despertar
01.2026 - Consciência espiritual











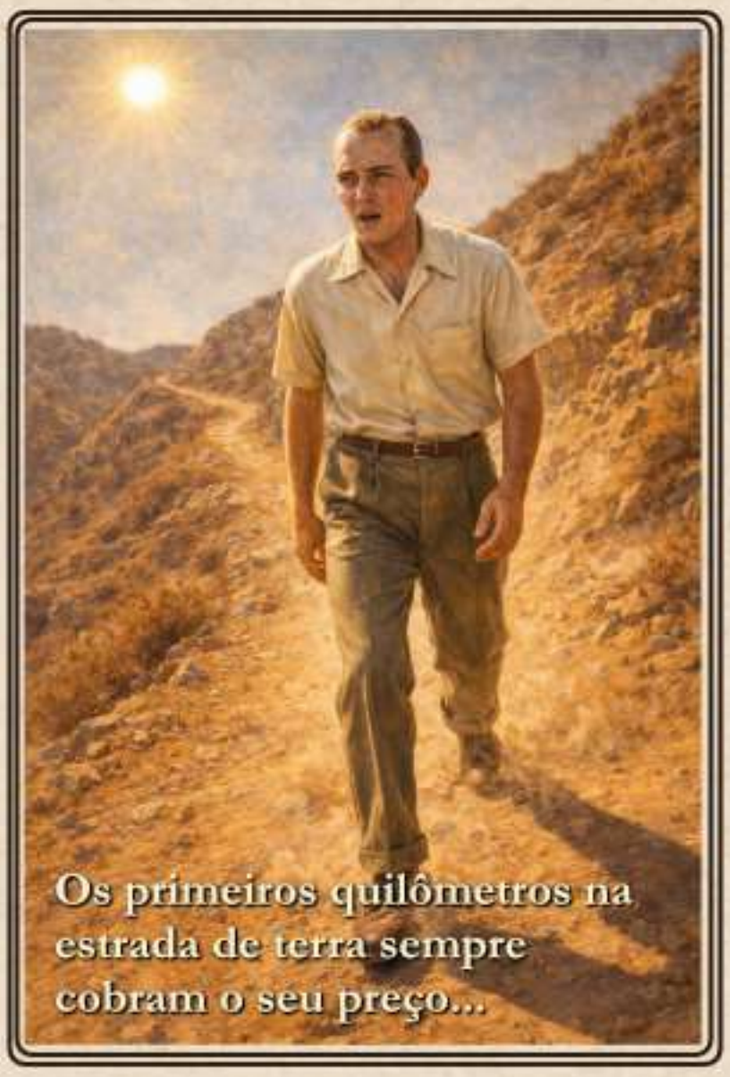
Fase 01: O Despertar
02.2026 - A escolha

JORNADA DO TRABALHADOR

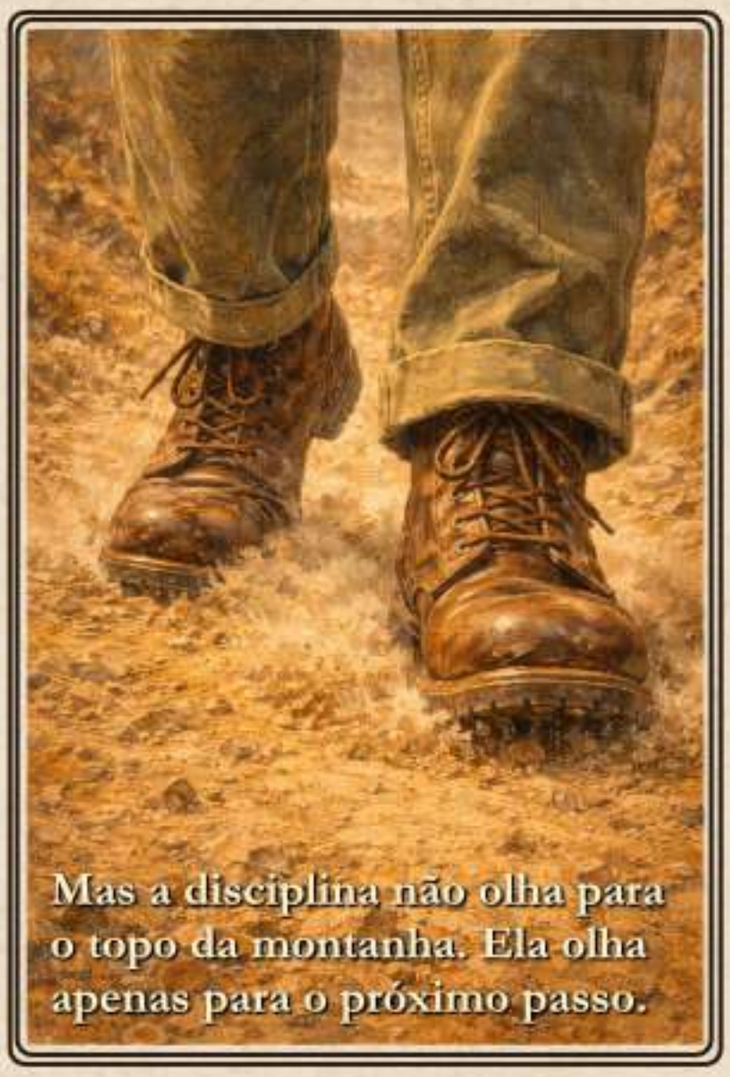
Espiritismo vivido

Fase 02: Compromisso

03.2026 - Disciplina com Sentido







Fase 02: Compromisso

04.2026 - Responsabilidade Moral









Fase 02: Compromisso

05.2026 - Constância no Bem

JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido

Fase 03: Conscientização
06.2026 - Pensar, Sentir e Agir



Nos meses anteriores, ele havia parado por cansaço, por obstáculos, por companheiros que precisavam de ajuda. Desta vez, parou porque quis. Porque algo naquela água quieta dizia que havia chegado a hora de olhar para um lugar que ele havia evitado durante toda a caminhada.



Por um momento, ele pensou em se levantar. Afinal, havia quilômetros pela frente. Havia compromissos, escalas, companheiros esperando. Era muito mais fácil continuar andando do que ficar parado diante de algo que não tinha solução rápida. A trilha chamava. O reflexo esperava.



Ele não sabia o que fazer com o que via. Não havia manual para esse momento, nenhuma escala a cumprir, nenhum companheiro para pedir ajuda. Havia apenas ele, o lago e a decisão mais difícil da caminhada até então: não fugir de si mesmo.



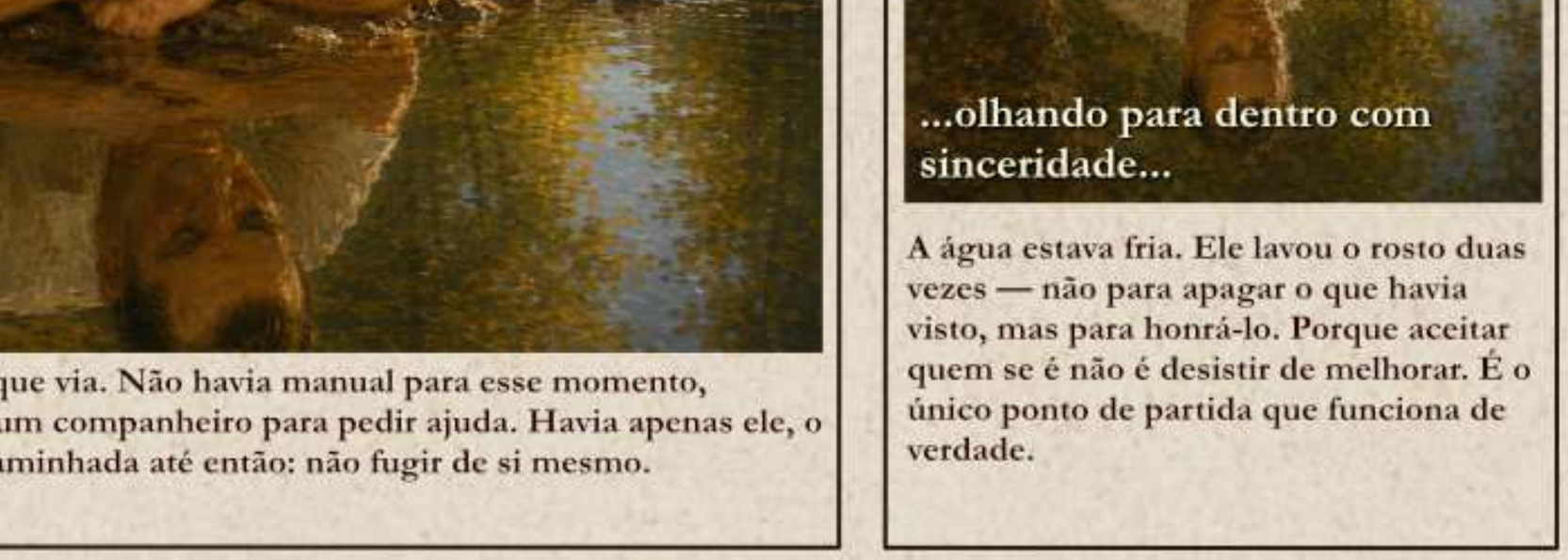
Ele esperava ver o céu refletido na água. Viu a si mesmo. E no seu rosto... claro, cristalino, sem escapatória, havia algo que ele achava ter deixado para trás na mochila. O lago não mentia. Era exatamente por isso que dava medo olhar.



A água estava fria. Ele lavou o rosto duas vezes — não para apagar o que havia visto, mas para honrá-lo. Porque aceitar quem se é não é desistir de melhorar. É o único ponto de partida que funciona de verdade.

Fase 03: Conscientização
07.2026 - Autoconhecimento em Ação

Ele havia aprendido, no lago, a reconhecer o que carregava por dentro. Mas a vida não esperou que ele terminasse de processar tudo isso. Raramente espera. A tempestade não pediu licença, chegou como sempre chega: quando o céu ainda parecia azul o suficiente para não se preocupar.



JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido



A chuva não doía. O que doía era saber que havia um lugar seguro logo atrás — e que ele estava escolhendo não ir até lá. Naquele momento, entendeu algo que nenhum livro havia conseguido explicar: a tempestade não estava caindo sobre ele. Estava caindo dentro dele.



Abrigar-se não era desistir. Era o que havia de mais sensato a fazer naquele momento — esperar, respirar, deixar a tempestade falar. Porque ela tinha algo a dizer. As tempestades sempre têm. E quem sai correndo antes de ouvir, perde a mensagem mais importante da caminhada.



Ele não sabia que carregava uma lanterna. Ou sabia, mas havia esquecido. Foi preciso a tempestade chegar, a trilha sumir na escuridão e o abrigo se tornar o único lugar possível — para que ele abrisse a mochila e encontrasse, bem no fundo, o que havia estado lá o tempo todo. A luz não veio de fora. Nunca vem.



Ela passou. Como todas as tempestades passam — sem pedir desculpas, sem explicar o porquê, sem perguntar se você estava pronto. Mas deixou algo para trás: uma estrada mais limpa do que antes, um Peregrino mais honesto do que antes, e uma lanterna que ele agora sabia onde encontrar.



Ele havia atravessado a tempestade. Havia encontrado a lanterna. Havia saído do outro lado mais honesto do que entrou. Mas a subida de Agosto era diferente — as pedras molhadas não perdoavam, e a mochila, que já pesava antes da chuva, parecia ter absorvido o peso de tudo que ele ainda não havia soltado. A montanha não havia colocado aquela pedra no caminho. Ela simplesmente revelou o que ele já trazia.



Ele poderia ter continuado. Desengatado a mochila, reajustado as alças e seguido subindo — como havia feito tantas outras vezes. Mas o lago de Junho havia ensinado que parar para olhar não era fraqueza. E a tempestade de Julho havia mostrado que o que se carrega por dentro pesa mais do que qualquer pedra. Então ele parou. E abriu a mochila.

JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido



Ele as reconheceu imediatamente — não porque fossem novidade, mas porque eram antigas. O Orgulho, que por tanto tempo pareceu força. O Melindre, que por tanto tempo pareceu sensibilidade. Dois pesos que haviam servido no seu tempo — mas que agora, na subida de Agosto, só faziam a mochila travar.

Ele esperava que fosse difícil. Que houvesse resistência, dor, algum custo visível. Mas as pedras simplesmente... foram. Como se já estivessem esperando para ser soltas. E enquanto elas rolavam morro abaixo, ele entendeu o que a Doutrina havia tentado lhe dizer o tempo todo: a reforma íntima não dói porque é errada. Dói, às vezes, porque abrimos mão de algo que confundimos com nós mesmos





A montanha era a mesma. A trilha era a mesma. Mas o Peregrino que subia agora era outro — não porque havia se tornado perfeito, mas porque havia se tornado honesto. E havia descoberto, naquela tarde de céu aberto em Agosto, que a leveza não é a ausência de mochila. É saber exatamente o que há dentro dela.

Fase 04: Testemunho

09.2026 - 6 - Viver o Evangelho nas Relações



Com a mochila leve, subir ficou fácil. E a facilidade trouxe uma tentação nova: a de olhar só para o topo. Ele caminhava depressa, de olhos erguidos, certo de que o melhor da Jornada estava lá no alto.



Ninguém o viu hesitar. Não havia plateia, nem guia, nem escala para cumprir. O topo continuava lá, e a pressa também. Mas diante de quem estava caído, ele entendeu que a pergunta não era se o outro merecia ajuda. A pergunta era quem ele escolhia ser quando ninguém olhava.



Ele tinha pouca água, e a subida ainda era longa. Mesmo assim, ofereceu. Descobriu que dividir não esvazia o cantil, mas esvazia a pressa. Naquele instante, o topo deixou de ser a única direção que importava.

Levantar o outro pesava mais do que qualquer pedra que já havia soltado. Mas era um peso diferente: aquele não travava a subida. Aquele a mudava. Ele entendeu que a leveza de Agosto não era para ele andar sozinho mais depressa. Era para ter força de sobra quando alguém precisasse.

Ele tinha pouca água, e a subida ainda era longa. Mesmo assim, ofereceu. Descobriu que dividir não esvazia o cantil, mas esvazia a pressa. Naquele instante, o topo deixou de ser a única direção que importava.

A FRASE QUE CAMINHA

O sentido completo só aparece para quem fica até o fim



NORTE PARA O MÊS

Uma bússola para o coração

"Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles.

Jesus - O Sermão da Montanha



COORDENADAS

A base doutrinária da nossa Jornada

Nesta edição:

O Encontro no Caminho

O Evangelho que se Prova nas Relações

O caminho ficou mais leve. E foi justamente aí que o Peregrino encontrou alguém caído.

Depois de soltar o orgulho e o melindre na subida de Agosto, o Peregrino segue com a mochila mais leve e o passo mais livre. A Fase 03 ficou para trás. Mas a Jornada não termina no autoconhecimento. À beira da trilha, há um viajante no chão, com o pé machucado e sem forças para se levantar. O topo da montanha está à vista. O Peregrino tem pressa. E agora precisa decidir.

É assim que a Fase 04 começa. Setembro nos faz a pergunta mais simples e mais difícil de toda a Jornada: como eu trato o outro quando ninguém está olhando?

Bem-vindo ao mês de Viver o Evangelho nas Relações.

O Evangelho Fora do Estudo

Existe uma tentação silenciosa entre quem estuda e serve: acreditar que a Doutrina se prova no que sabemos. Mas o Espiritismo é uma doutrina de transformação moral, e a transformação moral não se mede na sala de aula. Mede-se na mesa de casa, na escala, no corredor da Casa, na conversa em que ninguém está anotando.

Jesus não ilustrou o amor ao próximo com uma teoria.

Contou a história de um homem caído à beira do caminho, por quem passaram um sacerdote e um levita, e que só encontrou socorro em quem parou. O Evangelho Segundo o Espiritismo, no Capítulo XV, nos devolve essa cena como lembrete.

Conhecer a lei é bom. Mas ela só se cumpre no gesto.

Porque o Evangelho não se prova no que dizemos saber

Prova-se no que fazemos quando ninguém está olhando

A Pressa e o Caído

A pressa tem muitos nomes: meta, agenda, prazo, escala cheia, vontade de chegar logo. Nada disso é errado. O problema começa quando a pressa passa a decidir quem merece a nossa atenção.

O viajante caído raramente pede ajuda. Ele aparece no colega que anda calado, no familiar que só reclama, na pessoa com quem já tivemos um desentendimento.

E aqui o trabalho de Agosto mostra sua utilidade. Quem abriu a mochila e soltou o orgulho e o melindre fica menos ocupado em defender a própria imagem e consegue enxergar a necessidade do outro. O orgulho passa direto. A misericórdia para.

Kardec resume a caridade como benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas. E o Capítulo XI nos dá a régua mais simples: querer para o outro o que gostaríamos que fizessem por nós.

A Luz que Reflete no Outro

Há um tipo de bem que só existe quando não é visto. O Capítulo XIII ensina que a verdadeira caridade dispensa plateia, que a mão esquerda não precisa saber o que faz a direita. É a água dividida sem comentário, o ouvido emprestado sem pressa, a palavra gentil dita a quem não pode retribuir, a paciência com quem nos testa, o silêncio de não repetir o que não nos cabe repetir.

Nada disso entra em escala. Nenhuma presença registra. Mas é exatamente aqui que a Jornada se confirma: não se somam pontos, se constrói caminho. E a luz que acendemos por dentro ao longo desses meses só cumpre seu destino quando alcança o outro.

Setembro nos convida a um exame simples e sem julgamento: quem esteve caído no meu caminho esta semana, e o que eu fiz? Como tratei as pessoas com quem convivo quando não havia testemunha, nem elogio?

A resposta não precisa ser dramática. Precisa ser honesta.

Porque o Evangelho não se prova no que dizemos saber. Prova-se no que fazemos quando ninguém está olhando.

Próxima parada: Outubro, Servir com Consciência. Depois de aprender a parar diante de um, o Peregrino descobre que há pedras grandes demais para empurrar sozinho.

VOCÊ ESTÁ AQUI...

Latitude: Setembro | Altitude: O Encontro no Caminho

A mochila está leve. O caminho se abriu.
Em Agosto, aprendemos que a subida fica mais leve quando soltamos o que já não serve: o orgulho que virou escudo, a mágoa que virou hábito, o melindre que virou identidade. Foi um exame honesto. E foi libertador.

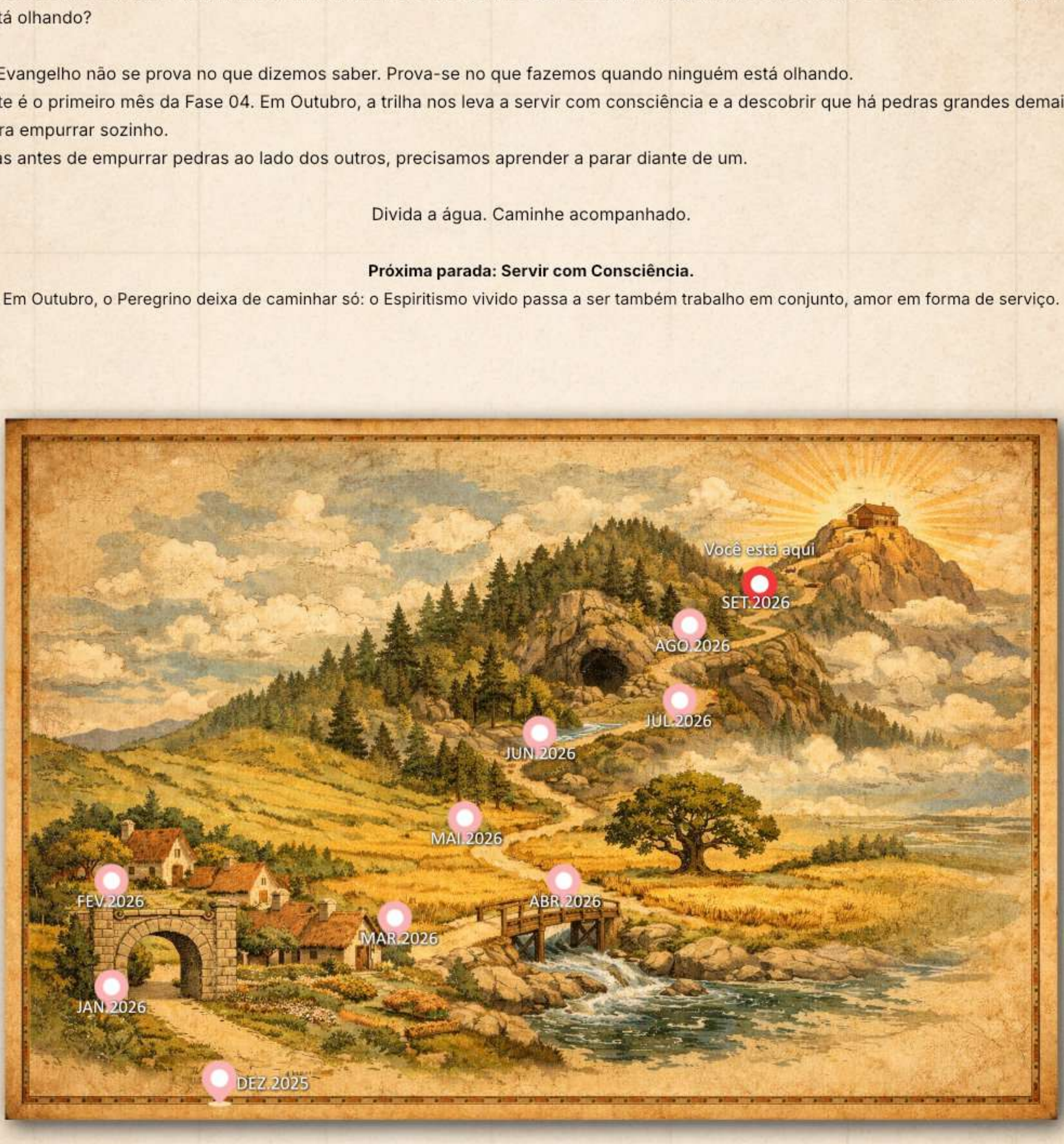
Setembro é diferente. Setembro olha para o lado.
A trilha agora segue ao lado de outros viajantes, e alguns deles estão cansados, machucados ou precisando apenas de uma palavra. É aqui que a Fase 04 nos entrega sua primeira lição: a luz que acendemos por dentro só cumpre seu destino quando alcança o outro.

Não porque você precise salvar ninguém. Não porque exista plateia. Mas porque o Evangelho que estudamos só se completa quando é vivido nas relações: no lar, no trabalho, na Casa, na conversa difícil, no gesto discreto.
Setembro nos convida a parar mais uma vez, não por cansaço, mas por escolha, e perguntar: como eu trato o outro quando ninguém está olhando?

O Evangelho não se prova no que dizemos saber. Prova-se no que fazemos quando ninguém está olhando.
Este é o primeiro mês da Fase 04. Em Outubro, a trilha nos leva a servir com consciência e a descobrir que há pedras grandes demais para empurrar sozinho.
Mas antes de empurrar pedras ao lado dos outros, precisamos aprender a parar diante de um.

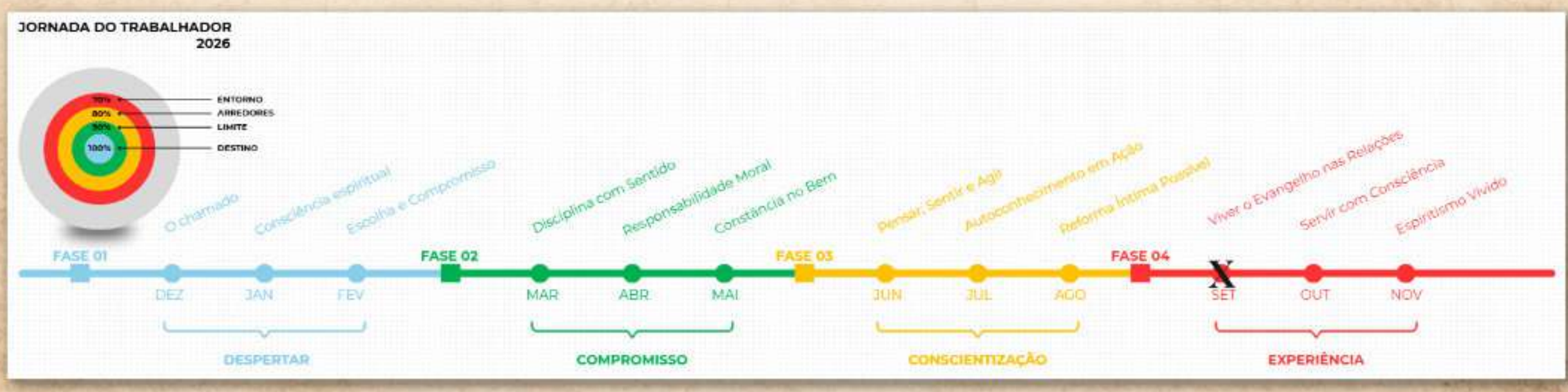
Divida a água. Caminhe acompanhado.

Próxima parada: Servir com Consciência.
Em Outubro, o Peregrino deixa de caminhar só: o Espiritismo vivido passa a ser também trabalho em conjunto, amor em forma de serviço.



JORNADA DO TRABALHADOR

Acompanhe todas as paradas



Personalidades

Bezerra de Menezes

O Médico dos Pobres



A Origem — O Menino do Riacho do Sangue

Adolfo Bezerra de Menezes nasceu em 29 de agosto de 1831, na antiga freguesia do Riacho do Sangue, hoje Solonópole, no interior do Ceará. A inteligência apareceu cedo: entrou na escola pública da Vila do Frade em 1838 e, em dez meses, já havia aprendido tudo o que o professor podia ensinar. Aos onze anos começou o curso de Humanidades; aos treze, dominava tanto o latim que dava aulas aos colegas e substituía o mestre quando ele faltava.

Seu pai, Antônio Bezerra de Menezes, capitão das antigas milícias e tenente-coronel da Guarda Nacional, era homem severo, de honestidade inabalável e dono de fazendas de gado. Foi a bondade, porém, que lhe custou a fortuna: avalizou favores a parentes e amigos que se aproveitaram da sua generosidade, até que as dívidas igualaram tudo o que possuía.

Ele procurou os credores, todos amigos, e ofereceu entregar todos os bens. Recusaram, dizendo que pagasse quando e como pudesse. Mesmo assim, fez questão de virar mero administrador do que fora seu patrimônio, retirando só o indispensável para a família, que passou da abastança às privações. Foi essa a herança que o filho levou consigo: o caráter.

Com uma pequena quantia reunida pelos parentes, Bezerra partiu para o Rio de Janeiro, decidido a seguir a Medicina. Em novembro de 1852 entrou como interno na Santa Casa de Misericórdia; em 1856 doutorou-se, com uma tese sobre o câncer; em 1857 foi admitido na Academia Imperial de Medicina.

Não era carreira. Era vocação.

O Médico dos Pobres — O Evangelho Antes do Espiritismo

Antes de conhecer o Espiritismo, Bezerra já vivia o que a Doutrina ensina: servir ao outro sem perguntar o que ele poderia oferecer em troca.

A vida pública o levou à política. Foi vereador, deputado geral e presidente da Câmara, pelo Partido Liberal. Mas a política cobrou seu preço. Contra ele se levantou uma torrente de injúrias, como acontece com tantos homens honestos. Sua resposta foi deixar a vida pública para viver entre os pobres, repartindo com eles o pouco que tinha. Corria a qualquer casa humilde onde houvesse uma dor, levando a palavra de bondade, o recurso da medicina e a bolsa pequena e generosa.

Para ele, a medicina era serviço, não negócio. O médico que reclama da distância, da hora ou do mau tempo, ou que despacha quem não pode pagar, dizia, trocou o ofício pelo comércio e mandou embora o anjo da caridade que lhe bateu à porta.

Estudante, passou por um aperto tão grande que quase se desesperou: faltavam cinquenta mil-réis para as taxas da Faculdade e o senhorio ameaçava despejá-lo. Pediu ajuda a Deus. Dias depois, um rapaz educado bateu à porta querendo aulas de matemática, matéria que ele detestava, e pagou tudo adiantado. Nunca mais apareceu.

Anos depois, ao hesitar diante de um novo encargo, ouviria de um Espírito, com bom humor, que não lhe faltariam alunos de matemática.

Foi assim que ficou conhecido como o Médico dos Pobres: alguém que chegava, de bolsa e palavra de bondade, a qualquer casa onde houvesse uma dor.

A Conversão — O Livro no Bonde

O Dr. Carlos Travassos fez a primeira tradução das obras de Kardec para o português e, quando O Livro dos Espíritos saiu do prelo, levou um exemplar ao deputado Bezerra, com dedicatória. Ele morava na Tijuca, a uma hora de bonde. Sem outra distração na viagem, abriu o livro: afinal, não iria para o inferno por ler aquilo, e seria ridículo confessar ignorância de uma filosofia depois de estudar todas as escolas.

Leu, e não largou mais. Nada ali parecia novo para o seu Espírito, e no entanto tudo era novidade para ele, como se já tivesse lido ou ouvido aquilo antes. Concluiu que talvez fosse, como disse, "espírita inconsciente".

Em 16 de agosto de 1886, cerca de duas mil pessoas lotaram a sala da Guarda Velha, no Rio de Janeiro, para ouvir o político, médico e católico respeitado declarar sua adesão ao Espiritismo.

Daí em diante, pôs a pena a serviço da Doutrina, sobretudo do seu aspecto religioso. De novembro de 1886 a dezembro de 1893 assinou, como Max, os Estudos Filosóficos no jornal O Paiz, marcando a época de ouro da divulgação espírita no Brasil. Escreveu também A Loucura sob Novo Prisma e Evangelho do Futuro.

Mas o movimento que abraçara vivia dividido. Os centros trabalhavam isolados, surgiam discórdias entre as sociedades, e separavam-se os que viam o Espiritismo como religião e os que só o aceitavam como ciência e filosofia. Bezerra colaborou com todas as instituições. O entusiasmo esfriou e ele chegou a ser o único frequentador do centro criado sob seus auspícios.

Faltava alguém capaz de unir.

O Legado — O Evangelho que Une



Em 1893, a Revolta da Armada fechou as sociedades espíritas. No ano seguinte, com o ambiente mais calmo, seu nome foi lembrado como o único capaz de unificar o movimento. Ele hesitou: a Federação Espírita Brasileira estava sem presidente e desorientada, discutindo teses em vez de estudar o Evangelho. Ainda assim, aos 63 anos, aceitou, e a presidiu até o fim da vida.

No início de 1900, uma congestão cerebral o prendeu ao leito. A casa se encheu de visitas, ricos e pobres. Todos sabiam das dificuldades da família, mas ninguém ousava oferecer ajuda de frente. Deixavam as ofertas, com delicadeza, debaixo do travesseiro. No dia seguinte, quem foi trocar as fronhas achou de tudo: do tostão do pobre à nota de duzentos mil-réis do abastado.

Bezerra desencarnou em 11 de abril de 1900. Amigos reunidos por Leopoldo Cirne formaram uma comissão, presidida pelo senador Quintino Bocaiúva, para promover espetáculos e concertos em benefício da família do homem que ficou conhecido como o Kardec brasileiro.

Há uma pergunta que atravessa essa história, e é a pergunta de Setembro: como trato o outro quando ninguém está olhando? Bezerra a respondeu na porta aberta fora de hora, na colaboração com instituições divididas, no encargo espinhoso aceito por dever, na bolsa pequena e generosa.

Neste mês em que a Jornada nos convida a viver o Evangelho nas relações, ele nos lembra que o Evangelho não se prova em tribunas nem em livros, mas na mão que se estende sem perguntar o que o outro pode retribuir.

É o Peregrino que para, no meio da subida, diante de quem caiu.

Biografia adaptada de feparana.com.br (Federação Espírita do Paraná).

Alma da casa

Histórias de vida que constroem nossa história

Entrevista do mês



Nascélio

Nascélio Dias

A DOR QUE VIROU ACOLHIMENTO

Há quem chegue à Casa carregando um peso e descubra que servir o alivia. O Nascélio é assim: mineirinho clássico, sorridente, de coração sem rancor e sem desforra. Chegou pela dor e ficou por gratidão, e hoje é quem acolhe a dor de quem chega.



Nascélio



Há trabalhadores que a Casa sente quando estão e sente ainda mais quando faltam. O Nascélio é desses. Na Casa desde agosto de 2018, trabalha no Atendimento Espiritual e na Psicografia, e faz do esforço de estar presente uma forma silenciosa de amor.

Mineirinho clássico, sorridente e disposto a ajudar, ele não guarda no coração nenhum sentimento de vingança, de desforra ou de pensamento maldoso. Chegou pela dor, e foi a própria dor que lhe ensinou a entender a do outro. Ele conta que o acolhimento da Casa o tocou e que o Evangelho o fez perceber que não vale a pena carregar peso no coração. Quando o assunto são as próprias dificuldades, ele escolheu não dar assunto a elas e continuar. Às segundas, larga o que estiver fazendo para se preparar para o plantão, porque, para ele, estar na Casa deixou de ser compromisso consigo e passou a ser compromisso com o outro.

Neste mês em que a Jornada pergunta "Como trato o outro quando ninguém está olhando?", o Nascélio responde sem rodeios: Deus está olhando, e a consciência também. A história dele nos lembra que viver o Evangelho nas relações começa quando colocamos o irmão em primeiro plano.

1. A Origem:

Todo trabalhador tem um momento em que a espiritualidade toca o coração de um jeito especial. Como foi o seu encontro com o Espiritismo e o que o levou a se tornar voluntário na Casa?

Nascélio: *Eu vim pela dor, por problemas pessoais. Eu achei que não tinha jeito, juro. Pensei até que fosse besteira. Então eu vim, na verdade, pela dor. E por que eu virei voluntário? Por gratidão.*

O que me tocou, quando fui para a Casa, foi o acolhimento. A palestra, o passe, a conversa com os doutores... Foi algo que me deixou com a pulga atrás da orelha. Sabe por quê? Porque eu vi que era, na época, um cara meio ignorante, e eles me desaceleraram. Eu falei: "Puxa vida, como pode um negócio desses? Eu vivo num mundo e eles vivem em outro." Isso me despertou a vontade de conhecer o Espiritismo. Foi mais ou menos por isso, e também para retribuir.

Porque ajudar os outros me ajuda a suportar a minha própria dor. Quando estou lá, eu tento ajudar, e isso me ajuda muito. A minha dor, você não tem noção. Quem vive com dor todos os dias aprende que não vale a pena carregar peso no coração, pensamento maldoso. Isso pesa demais, e eu já tenho peso demais, dor demais para carregar. Então foi por isso que eu entrei na Casa: pela leveza que ela me deixou.

2. O Jeito de Tratar o Outro:

Quem convive com você percebe um coração sem rancor, sem desforra e sem pensamento maldoso. Neste mês, a Jornada pergunta: "Como trato o outro quando ninguém está olhando?" De onde vem essa maneira tão leve de lidar com as pessoas, mesmo quando elas não são fáceis?



Nascélio: *Muito pelo contrário: ninguém está olhando, não. Deus está olhando, e a minha consciência também. Se o outro chega até mim, ou até nós, na Casa, muitas vezes a dor dele supera a minha. Porque, se não fosse assim, ele não ia se humilhar e ir procurar. A última coisa que a gente aprende a procurar na vida é Deus, é a espiritualidade, é a ajuda espiritual. Então, se a pessoa já chegou até ali e está se humilhando, quem sou eu para julgar ou condenar? Eu tenho que acolher. O pouco que a Casa me ensinou foi acolhimento.*

Não se oferece sabedoria onde não há paciência. Como é que eu vou entender o meu irmão que está chegando ali, naquela hora de aflição e dor, se eu não tenho paciência? Como eu fui para a Casa pela dor, eu entendi a dor do outro, e isso me moldou. Me abalou de um jeito diferente. Eu já procuro ver a coisa pelo outro lado.

Se você me julga, se você me condena, se você tem um pensamento contra mim, é o seu pensamento. Não diz respeito a mim. Eu sei da minha consciência. Hoje, o que eu vivo... já errei muito, mas hoje eu procuro acertar. Então a dor do meu irmão hoje me incomoda, e me incomoda de uma maneira que, se eu puder ajudar, com certeza estarei a postos.

3. A Caridade que Não Espera:

Você é conhecido por estar sempre disposto a ajudar quem precisa. Existe alguma situação, dentro ou fora da Casa, em que um gesto simples seu fez diferença na vida de alguém e que ficou marcada para você?

Nascélio: *Sim, tanto fora quanto dentro. Já faz um tempinho, uns três ou quatro anos, me ligou uma mulher da Bahia. Não sei como ela achou o meu número, porque eu não passo meu número para ninguém. Ela disse que queria que eu só a benzesse, porque estava passando por uma tribulação muito grande.*

Ela veio aqui, passou na Casa com o doutor João Pedro. Depois, numa outra vez, voltou e passou de novo com ele. Na segunda vez, disse que estava bem melhor e que queria continuar, mas tinha que ir embora. Mesmo assim, ela achou meu número e queria que eu a benzesse à distância, que fizesse um atendimento espiritual. Eu fiz o que o doutor João Pedro me instruiu a fazer.

4. A Força que Não Alimenta o Problema:

Você tem seus desafios pessoais, mas escolheu não dar força a eles e seguir trabalhando. Que aprendizado da Doutrina o ajuda a manter essa postura, e o que você diria a quem está se sentindo vencido pelas próprias dificuldades?

Nascélio: *Vou falar da minha saúde. Eu tenho alguns problemas de saúde, na coluna e em outras partes, que me atrapalham muito. Mas se eu ficar pensando neles, no que vai acontecer, eu vou me afundar. Então eu penso muito no seguinte: na Doutrina tem uma parte que diz que nada é castigo, tudo é aprendizado. Não é verdade? Então o que eu passo não é punição, é uma prova, e o motivo e o tempo dela eu só vou saber se eu conseguir aceitar.*

Às vezes eu vou trabalhar me arrastando. Eu não falo para o doutor o que estou sentindo, porque ele olha de lá e eu já sei o que ele quis me dizer. Fico caladinho, me concentro, e já vou, porque o doutor acaba me fazendo esquecer. Eu trabalho, depois me sinto bem e continuo.

O que eu tenho a dizer para essas pessoas é que a Doutrina me ensinou a não alimentar de jeito nenhum esses meus problemas. Quando eu ajudo, quando trabalho, quando rezo, a dor continua lá. Não vou negar, está doendo. Mas ela não me domina mais. A dor não me domina, eu tenho controle sobre ela, e eu simplesmente continuo.

Então eu digo para as pessoas: não deem assunto para a dor, não deem assunto para as suas dificuldades. É só seguir em frente, que Deus vai te mostrar o rumo, vai te mostrar o caminho, entendeu?

5. A Presença que se Constrói:

Seus companheiros destacam o esforço que você faz para estar presente, mesmo quando os compromissos da vida dificultam. O que o move a dar esse passo a mais para estar na Casa?

Nascélio: *Essa pergunta, o que me move a dar espaço a mais para estar na Casa, mesmo com meus compromissos, não diz respeito a mim. Nem desrespeita a mim: desrespeitaria o meu compromisso com o próximo. Porque eu, mesmo com a minha dor, eu aguento, aprendi como suportar, como controlar. Mas a dor do outro que vem ao meu encontro, eu não tenho noção do tamanho dela.*



Às vezes eu estou sentado lá com o doutor, e o doutor fala meia dúzia de palavras, e é o consolo para aquela dor que ultrapassa a minha umas três vezes, entendeu? Então eu deixaria, sim, qualquer trabalho. Não importa o



que eu esteja fazendo: na segunda-feira, às quatro e meia da tarde, eu largo tudo e vou para a minha casa fazer a minha preparação para ir para a Casa. Eu me preparo para poder estar lá, porque não é mais um compromisso comigo. É um compromisso com a espiritualidade, com o doutor João Pedro, com a Casa Espírita e, principalmente, com as pessoas que frequentam a Casa. É um respeito aos debilitados, às pessoas enfermas, às pessoas que têm os seus problemas e chegam até a Casa.

Ninguém vai até a Casa por brincadeira. Vai em busca de alguma coisa. E a gente não vai à Casa por brincadeira: a gente vai para levar alguma coisa. Então a gente tem que levar algo de bom, algo do que a gente tem de melhor, e isso inclui compromisso, inclui missão e inclui amor também. Eu não sei se fui certo na resposta.

Passou uma semana e ela disse que estava curada do que sentia. Agradeceu muito, disse que agradeceria pelo resto da vida o que eu tinha feito por ela. Mas eu só fechei os olhos e deixei que a espiritualidade fizesse; nem fui eu, você entendeu? E aquilo me deu mais fôlego, mais ânimo e mais confiança no que eu faço.

Na Casa, isso ficou muito marcado, muito marcado para mim mesmo: uma pessoa de fora do estado me ligar para eu interceder por ela, numa necessidade. Ela era a última pessoa a procurar. Tinha ido ao médico, tinha procurado psicólogo, e tudo. Foi uma oração que eu fiz: fechei os olhos, mandei ela também fechar os olhos, e aí o doutor João Pedro entrou e fez o trabalho dele, e ela ficou boa. Então, no que eu faço, não sou eu, é o que o doutor João Pedro faz. O que eu faço é me disponibilizar, na Casa, para fazer.

6. A Bússola:

Para o trabalhador que está começando e ainda se sente inseguro sobre como viver o Evangelho no dia a dia, que conselho de amigo você deixaria?

Nascélio: *O conselho que eu dou é assim: eu vim pela dor, aprendi a conviver com a minha dor, aprendi a tratar a minha dor, aprendi a dor do próximo, aprendi a entender o próximo e a respeitá-lo. Mas isso é uma questão de aprendizado.*

É o famoso Evangelho: você tem que ler o Evangelho, aprender a sua reforma íntima. Quando você começa a aprender tudo isso, você vai entender a razão da sua vida, a razão de você estar na Casa Espírita.

Porque, quando você passa a se colocar em segundo plano e o seu irmão começa a fazer parte do primeiro plano, acho que começa o entendimento do que é a Casa Espírita, do que é estar do lado de Deus, fazendo a coisa certa. Aí a sua dor, os seus males, as suas dificuldades, através dos problemas dos amigos que chegam, você vai ver que não é problema. São probleminhas que você transformou em gigantes.

Então: perseverança, fé, amor e responsabilidade com aquilo que faz. Não é uma simples responsabilidade: é responsabilidade com quem vai estar vindo até você. Porque, de repente, a Casa tem vários doutores, mas tem um que vem ao seu encontro, pelo seu pensamento positivo. Às vezes não é só o doutor: está ali na ficha, está no atendimento, está dando uma aguinha. Cada um tem uma função, e cada pessoa que vê aquela pessoa com amor... às vezes ela vem também para receber um "oi, como é que você está?". Tudo isso importa.

Então faça a sua parte. Não importa o que você vai fazer na Casa, mas venha, porque você tem um lugar, e Deus sabe por que você está ali. Não importa o lugar em que você esteja: você vai estar levando a sua mensagem, sim. Muitas pessoas vêm por causa de você. Então faça a sua coisa certa.

SECRETARIA INFORMA

Estamos de Volta!

A semente plantada no coração de uma criança floresce para a vida toda. Pensando nisso, nossa Casa retoma com alegria a Evangelização Infantil, um espaço acolhedor e carinhoso onde os pequenos, de 5 a 8 anos, dão os primeiros passos no conhecimento da espiritualidade de forma leve, alegre e amorosa.

Coloque seu filho agora mesmo! Esperamos você.

Evangelização Infantil

Sábados, encontros quinzenais | 09h30 às 12h | 5 a 8 anos





Participar é Fortalecer o Ideal

Para você, conhecimento é oportunidade de ajudar? O Departamento de Ensino abre a Oficina Prática de Harmonização, um espaço para quem quer aprender na prática, sem medo de tentar, e se preparar para servir com mais segurança e consciência.

A oportunidade que estava faltando para você pode estar aqui. As vagas são limitadíssimas, então acompanhe nosso perfil para mais informações: @casadrailton

Preparar-se para servir também é caridade.

Oficina Prática de Harmonização | Depto de Ensino | Vagas limitadíssimas

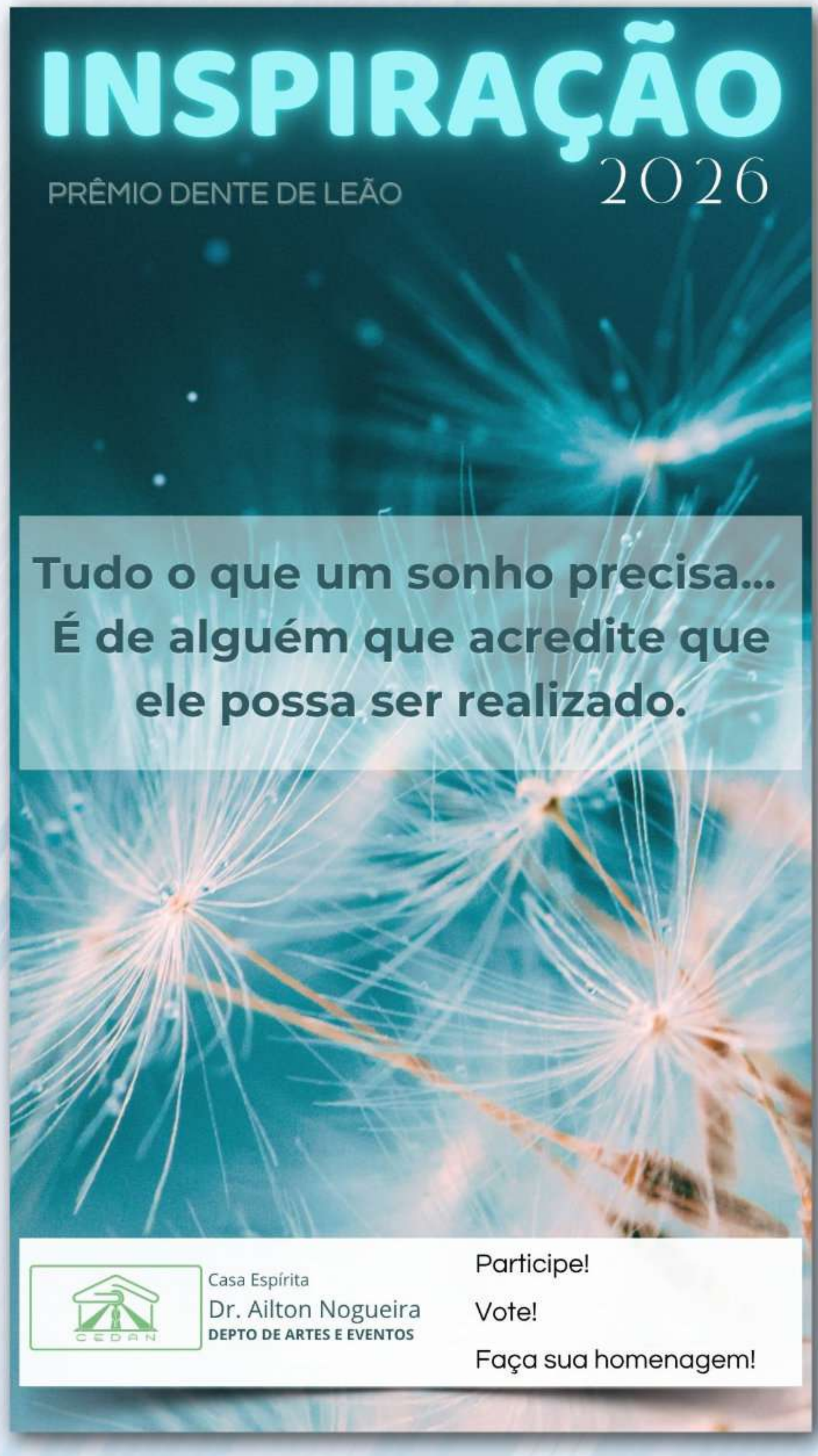
EVENTOS

INSPIRAÇÃO 2026 | Prêmio Dente de Leão

Tudo o que um sonho precisa é de alguém que acredite que ele possa ser realizado. O Prêmio Dente de Leão, do Departamento de Artes e Eventos, convida você a participar, votar e fazer a sua homenagem.

Assim como o dente-de-leão espalha suas sementes ao vento, o bem que fazemos também alcança quem nem imaginamos.

Participe! Vote! Faça sua homenagem!



ANIVERSARIANTES do mês!

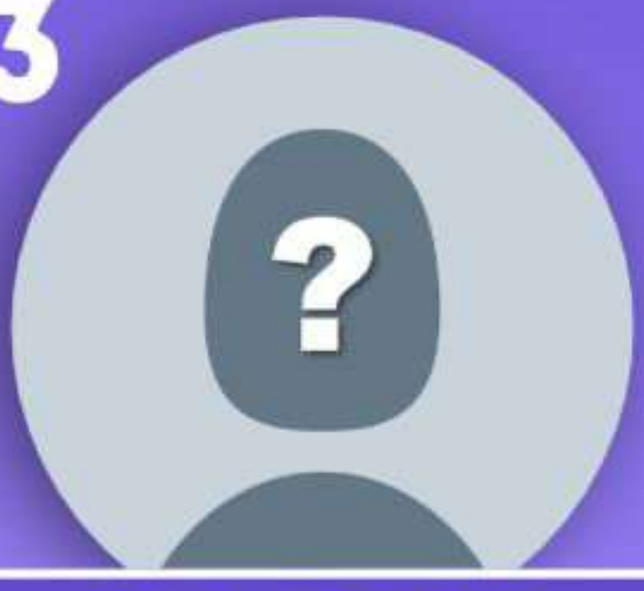
SETEMBRO.2026

QUA
02



054 - BRUNO

QUI
03



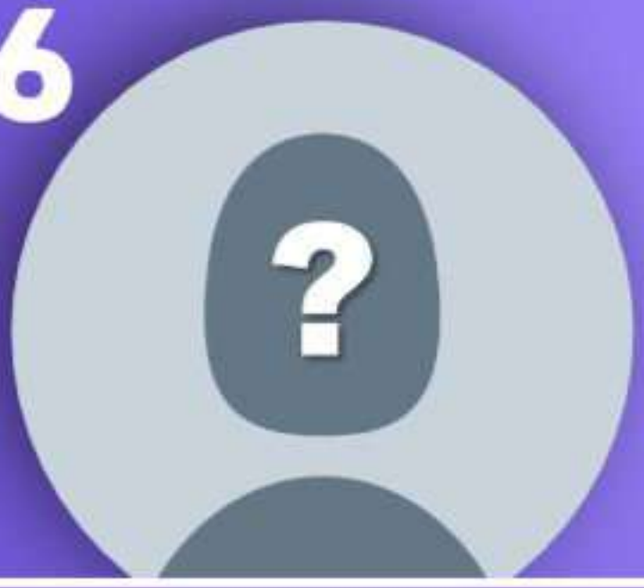
066 - DEISE

SAB
05



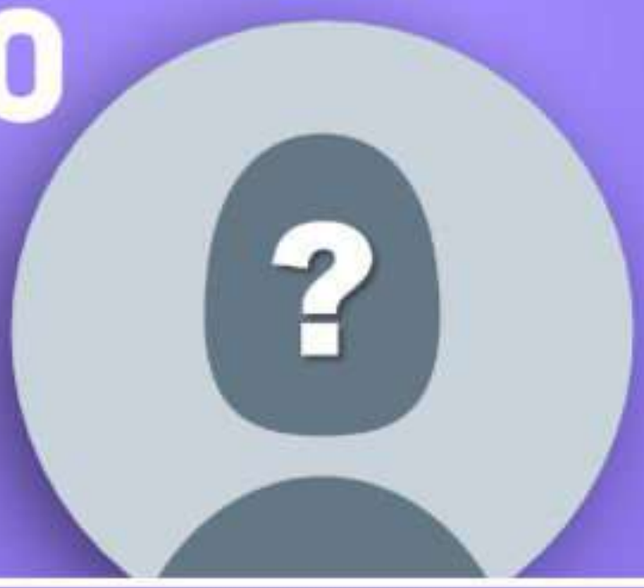
001 - DNA ODETE

QUA
16



087 - SANDRA R.

DOM
20



090 - EDINA

SEG
21



064 - LENILDE

QUA
23



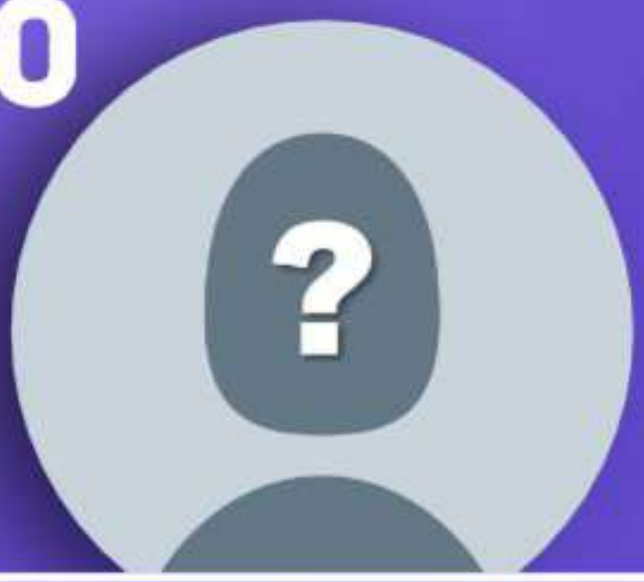
059 - BETH

DOM
27



012 - JORDÃO

QUA
30



021 - ANDREA

Parabéns!

CEDAN